1
O impacto de um início

ÀS VEZES, as primeiras linhas de um livro já são o suficiente para prender a atenção do leitor. Essa pode não ser a preocupação de alguns escritores, mas é inegável que um início marcante tem o poder de fazer o leitor relembrar, mesmo muitos anos depois, as sensações que a leitura lhe causou. Aos 25 anos, chegou minha vez de perceber como o início de uma obra pode ser forte:

> *Quando Gregor Samsa, certa manhã, despertou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado em um inseto monstruoso. Estava deitado sobre as costas duras como couraça e viu, quando ergueu um pouco a cabeça, a barriga abaulada, marrom, dividida em segmentos arqueados, sobre a qual o lençol, pronto para deslizar por completo, já mal se segurava. Suas muitas pernas finas, deploráveis em comparação com as dimensões de seu corpo, sacudiam-se desajeitadas diante de seus olhos.*

Não importa quantos anos tenham se passado, quem leu *A metamorfose*, do tcheco Franz Kafka, é incapaz de esquecer esse primeiro parágrafo. Ler sobre Gregor Samsa, um jovem a respeito do qual eu não sabia nada, e sobre a sua primeira visão ao despertar de uma noite de sono, me fez sentir uma angústia, uma aversão àquele corpo monstruoso… Havia algo diferente naquele livro publicado em 1915, escrito por um autor que viveu uma realidade totalmente distinta da minha e que conseguiu, com poucas palavras, despertar tantas sensações em mim. Pela primeira — mas jamais última — vez, tive a consciência do poder da literatura de, com poucas frases, causar emoções tão impactantes no leitor.

Confesso que nem sempre li fazendo reflexões como essa, que iam além da própria história ou da minha opinião, que não se limitavam ao simples gostar ou não da narrativa. Ao fim da leitura, ia atrás de comentários sobre a construção de personagens, a linguagem empregada pela autora ou pelo autor da obra, o uso do narrador, entre outros aspectos da construção de um livro, mas não era capaz de percebê-los sozinho, sem a ajuda de algum texto ou aula. Assim, por também ter sido um dos primeiros momentos em que me dei conta de que estava fazendo reflexões mais elaboradas, a leitura do início de *A metamorfose* me marcou tanto.

Mas algo teria mudado em mim? Não. Continuava sendo um leitor comum, sem qualquer formação na área de literatura. No entanto, minha leitura estava amadurecendo, e isso era consequência do hábito, da bagagem que eu estava construindo a cada novo livro. Mas há quem ainda não seja capaz de ter esse aprofundamento na obra, e não há nada

de errado nisso. Não existe melhor ou pior leitor quando o assunto é a leitura por prazer, apenas leitores mais ou menos experientes. Ao ler, você já está no caminho certo, e com o tempo, com o hábito, é possível identificar elementos da obra que, até então, não pareciam estar ali. E é disto que falo neste livro: como os livros se tornaram tão importantes na vida de alguém que não leu muito durante a infância ou a adolescência, mas que foi tendo a sua vida cada vez mais marcada pela literatura.

Inícios impactantes, como o criado por Kafka em *A metamorfose*, estão presentes em várias leituras. Compartilho alguns exemplos de primeiras linhas ou parágrafos que contêm, em poucas palavras, quase que a experiência integral da leitura, permitindo ao leitor que relembre do impacto que aquele livro lhe causou:

> *No dia seguinte, ninguém morreu. O facto, por absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme, efeito em todos os aspectos justificado, basta que nos lembremos de que não havia notícia nos quarenta volumes da história universal, nem ao menos um caso para amostra, de ter alguma vez ocorrido fenômeno semelhante, passar-se um dia completo, com todas as suas pródigas vinte e quatro horas, contadas entre diurnas e nocturnas, matutinas e vespertinas, sem que tivesse sucedido um falecimento por doença, uma queda mortal, um suicídio levado a bom fim, nada de nada, pela palavra nada.*
>
> *(*José Saramago, *As intermitências da morte)*

A senhora Dalloway disse que ela mesma ia comprar as flores. Pois Lucy estava cheia de serviço. As portas seriam retiradas das dobradiças; os homens de Rumplemayer's estavam chegando. E depois, pensou Clarissa Dalloway, que manhã — fresca como se nascida para crianças numa praia.
*(*Virginia Woolf, *Mrs. Dalloway)*

*Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: «Sua mãe faleceu. Enterro amanhã. Sentidos pêsames.» Isso não esclarece nada. Talvez tenha sido ontem. (*Albert Camus, *O estrangeiro)*

Todas as famílias felizes são iguais. As infelizes o são cada uma a sua maneira.
*(*Liev Tolstói, *Anna Kariênina)*

Depois de frases tão marcantes, qualquer tentativa de um início mais criativo aqui me deixaria bastante frustrado. O que me salva é que este é um livro de memórias literárias. Assim, nada melhor do que cair na redundância de começar realmente pelo início.

Você já se perguntou quais são suas primeiras lembranças com livros? Tente voltar no tempo o máximo que puder, até recordar dos seus primeiros contatos com um livro ainda na infância. Pode ser uma memória afetiva de uma estante, de uma biblioteca, ou de alguém contando uma história para você.

Minha primeira lembrança relacionada a leituras já é como leitor. Sei que não podemos confiar tanto nas nossas memórias, já que elas se ajustam conforme nossa conveniência e criatividade, mas o que me vem à cabeça sou eu aos seis anos, sentado em uma miniescrivaninha colorida, diante de um livro. Recordo ainda hoje da dificuldade para conseguir montar os sons das sílabas, então imagino que estivesse aprendendo a ler. Era um livro de capa vermelha, com poucas páginas. Cada uma delas tinha frases breves na parte inferior, quase escondidas pelas ilustrações de insetos. Sim, era um livro sobre insetos (não sei se sobre outros animais também, não me lembro). Gosto muito de animais desde criança. Eu andava pelo quintal de casa e pela rua com pequenos potes de plástico, catando os insetos que encontrava. Cheguei a fazer uma expedição a um terreno baldio com meu pai, à procura de animais mais assustadores. Apesar da preparação e do entusiasmo, voltamos de mãos vazias. Tinha uma prateleira no quarto repleta deles. Talvez por isso justamente o livro de insetos tenha marcado minha memória. Em uma das páginas, me lembro bem, havia formigas andando em fila — talvez em uma cozinha —, indo atrás de algo açucarado. Até cheguei a procurar o livro na internet para guardar de recordação, mas não encontrei. Talvez nossa memória seja realmente mais inventiva do que a gente imagina.

A lembrança de algumas pessoas com os primeiros livros pode estar relacionada à mãe ou ao pai lendo uma história. Não recordo se meus pais liam com frequência para mim, mas uma memória muito viva é a do meu pai contando

histórias que ele mesmo inventava antes de eu dormir. E ele sempre dava um jeito de me colocar, junto com meus amigos, como personagem principal dessas aventuras, e eu sempre era o herói que salvava alguém ou derrotava o inimigo. Para os pais, os filhos têm superpoderes, da mesma forma que muitos filhos enxergam os pais como heróis. O tempo, no entanto, desconstrói a imagem que temos deles, como quando os vemos chorar pela primeira vez, em algum acesso de raiva ou angustiados por não saberem como lidar com um problema. Mas, àquela época, meu pai ainda vestia a capa de herói infalível e tinha o respaldo para contar qualquer história.

Assim como não me lembro de ouvir meus pais lendo histórias para mim, tampouco me recordo de vê-los sempre com livros nas mãos. Não nasci em uma família com essa paixão — ou, talvez, com esse hábito. Sou o filho mais novo de três. Assim como meus pais, minhas duas irmãs não costumavam ler. É comum que alguém que saiba da minha paixão pelos livros imagine que vim de uma família de leitores ávidos. Quando conto como a leitura era ausente em casa, meus pais sentem um incômodo, como se tivessem feito algo errado. Não os culpo, até porque isso não me impediu de me tornar um leitor, ainda que eu tenha sentido falta de referências quando precisava buscar o que ler. Mas é inegável que pais leitores têm muito mais chance de criar filhos leitores.

Então fica a pergunta: de onde veio o meu gosto por livros? Será que é algo que nasce com a gente e faz parte da nossa personalidade? Ou será que acabei sendo influenciado

na escola, por professores que assumem a difícil tarefa de convencer crianças de que ler pode ser divertido?

Ao ir atrás de mais memórias relacionadas a livros, outras pessoas acabam se destacando: minhas duas avós. Elas eram verdadeiras devoradoras de livros. O fato de, em diferentes momentos, elas estarem com livros nas mãos, ou de sempre haver uma pequena pilha em suas mesinhas de cabeceira, fez com que eu as considerasse as maiores leitoras do mundo! Assim como crianças tendem a heroicizar — que palavra linda! — os pais, os avós ganham uma aura mística, de grandes sábios. Pessoas que viveram tantos anos e que sabem um pouco de tudo. Aos meus olhos infantis, minhas avós tinham lido quase tudo, o que despertava minha admiração e curiosidade.

Para uma criança que lia livros bem fininhos, recheados de ilustrações, um livro só de letras com mais de cem páginas era um calhamaço inalcançável, e lembro de perguntar para minhas avós qual era a história por dentro daquelas páginas cada vez que as via com um livro diferente nas mãos. A resposta que elas me davam nem sempre me agradava: «É coisa de adulto.»

Nunca vou me esquecer de um livro que vi minha avó paterna lendo em uma viagem que fizemos para um dos destinos mais diferentes que já visitei: Alasca.

Durante a viagem, minha avó ficou agarrada a um determinado livro. Já no primeiro dia, comecei a tentar identificar aquela obra. A capa era branca e as letras do título, alaranjadas e finas, com a imagem de um senhor de terno e cabelo branco de costas. Fiz um grande esforço para ler

o título de longe, mas não consegui. Lembro que estávamos tomando café, quando me aproximei, sentei ao lado da minha avó e me debrucei na mesa para ver a capa inteira.

Tomei um susto! O nome do livro não fazia sentido para mim. Como minha avó podia estar lendo aquilo em público? E logo outra curiosidade tomou conta dos meus pensamentos: o que um escritor poderia querer contar em… *Memórias de minhas putas tristes*?

A minha cara de espanto chamou a atenção da minha avó, que olhou para a capa do livro e então entendeu o motivo da minha reação. De início, ela não falou nada, só deu uma risada. Depois me explicou que tinha acabado de começar a leitura, mas que o título não era o que eu estava imaginando. «Adoro os livros desse autor, Gabriel García Márquez. Você ainda vai ouvir falar muito dele. São livros belíííssimos» — ela normalmente fala com essa empolgação, mexendo no cabelo ondulado com uma das mãos e fazendo gestos com o outro braço, cheio de pulseiras.

Minha avó estava certa: ainda ouviria muito aquele nome. O que ela não imaginou é que eu não só ouviria, mas também falaria com frequência sobre o autor. Mais de uma década depois, Gabriel García Márquez, ou Gabo para os íntimos como eu, passaria a ser um dos meus escritores favoritos, além do nome do meu gato vira-lata resgatado das ruas. Inclusive, quando é para dar bronca naquele mini-humano de pelos cinza, faço questão de chamá-lo pelo nome completo: «Gabriel García Márquez, chega de aprontar!»

Gabo, o escritor, nasceu em 6 de março de 1927, escreveu mais de trinta livros — entre eles *Cem anos de solidão*, *Amor*

nos tempos de cólera, *Do amor e outros demônios* —, foi vencedor do prêmio Nobel de Literatura em 1982 e nos deixou em 17 de abril de 2014. Um mestre em contar histórias, o que percebi pela forma como seus livros me prendiam, mesmo sem trazer cenários de suspense, assassinatos ou mistérios. Gabo afirmava ter sido bastante influenciado pelos avós, que lhe contavam histórias durante a infância. Da mesma forma que meu pai fazia comigo, os avós de Gabo criavam histórias com base em suas memórias — outra forma de conectar pessoas por meio de narrativas. Segundo Gabo, muito da sua forma de escrever foi inspirada nessas lembranças com seus avós, e, assim como ele, tive a alegria de guardar belíííssimas memórias dos meus avós.

A imagem que eu tinha das minhas avós serem as maiores leitoras do mundo começou a se desfazer quando, no início do ensino médio, perguntei para a minha avó materna o que ela achava de *A revolução dos bichos*. Era um dos primeiros livros «adultos» que eu lia e estava um pouco receoso. Eu tinha certeza de que minha avó conheceria. Lembro de estar deitado em seu colo depois de um almoço de domingo. Ela, com seu inseparável amigo cigarro em uma das mãos, enquanto acariciava meus cachos com a outra, um gesto afetuoso que acontecia sempre que nos encontrávamos. Foi uma surpresa quando ela respondeu que nunca havia lido. Até interrompi o cafuné e me sentei ao seu lado para conferir se estava falando a verdade. Ainda que hoje eu saiba que minhas avós não são as maiores leitoras do mundo, como imaginava na época, fico muito feliz que elas tenham cultivado o hábito da leitura e transmitido essa paixão para

mim. Hoje são elas que me pedem indicações de boas leituras e amo ser o maior leitor do mundo para elas.

Eu me lembro das pessoas me dizendo que eu era uma criança sorridente. O porteiro do condomínio em que eu morava me chamava de «Menino sorriso», e eu, envergonhado, não sabia o que responder, me limitando a retribuir com… um grande sorriso. Os vizinhos, por sua vez, me apelidaram de «Mentex», porque tinha dentes grandes e brancos, que lembravam aquela bala de mesmo nome.

Meus pais dizem que dei pouco trabalho quando pequeno. Uma das histórias que eles costumam contar para provar isso é a do dia que atolamos com o carro à noite em uma estrada de terra e esperamos por mais de três horas até chegar ajuda. Eu, um bebê de poucos meses, fiquei acordado o tempo todo e não chorei nem por um segundo. Hoje, sinto que, se soubesse os males da privação de sono da vida corrida na fase adulta, usaria aquele momento para ficar dormindo dentro do carro.

Tampouco me lembro de ter ficado de castigo na infância. Se ficava, era por ter brigado com minhas irmãs, sendo que todas as vezes a gente terminava chorando. De um lado, minhas irmãs, mais velhas e mais fortes, vinham com as unhas afiadas para cima de mim. Do outro lado, eu, mais novo e mais fraco, tinha que usar uma arma secreta para me defender: os potinhos com os insetos. Elas tinham completo pavor. Era só começar a briga, que eu corria para o quarto, pegava um potinho e ficava esperando elas chegarem perto, ameaçando jogar o inseto nelas. Tirando essas

implicâncias, eu realmente era bonzinho e não gostava de descumprir ordens.

Na pré-adolescência percebi que essa não era uma característica necessariamente positiva e que, na verdade, seria uma fonte de grande pressão. Comecei a me cobrar para ser um exemplo em casa e na escola, e tinha dificuldade em lidar com frustrações. Além do mais, ser bonzinho passou a chamar um pouco de atenção, já que se esperava que um menino daquela idade fosse levado, chegasse com o uniforme da escola sujo e que ficar de castigo fosse costumeiro. Eu não era desse jeito. Passei a ficar incomodado. Nesse momento talvez tenha nascido a sensação — que me perseguiu até a vida adulta — de que era preciso estar o tempo todo atento ao meu comportamento, para que ninguém achasse que eu era um garoto diferente.

E se meu comportamento não era o esperado, tampouco eram os meus gostos. Antes de perceber que talvez fosse necessário conter ou disfarçar algumas vontades, quando ainda bem criança, pedi de Natal aos meus pais um estojo roxo. Minhas irmãs queriam brinquedos, mas eu insisti no estojo roxo, que era minha cor favorita. Apesar da estranheza do pedido, quando comparado com as bolas de futebol, as bicicletas e os carrinhos de brinquedo desejados pelos outros meninos, meus pais não pareceram se importar. Se meu comportamento os incomodava, eles não deixavam transparecer. Lembro do meu pai chegando na noite de Natal com duas bicicletas (uma para cada filha) e um pequeno estojo roxo para mim, repleto de lápis, canetas e até com uma tesoura roxa. Eu amei!

***

Não costumava pedir livros nas datas especiais, Dia das Crianças, aniversário, Natal. Para mim, os presentes se dividiam em três categorias: brinquedos, livros e roupas, nessa ordem de preferência. Hoje, tenho cinco sobrinhos, meus grandes amores. Todos parecem esperar que eu dê livros para eles de presente, mas não quero me tornar o «tio dos livros», que dá a mesma coisa sempre. No entanto, eles sabem o tio que têm: basta perguntar do que o Dodi mais gosta, que eles respondem «livros!». (Em tempo, Dodi é o apelido que veio da tentativa de meu sobrinho mais velho, também meu afilhado, de falar dindo.) Assim, optei por presentear com brinquedos nas datas especiais e livros no restante do ano, para eles lembrarem que os livros devem fazer parte do nosso dia a dia, que não precisam estar atrelados a nenhuma data.

Eu também não costumava pedir livro nas datas especiais. Mesmo que meus pais não tivessem o hábito de ler, adoravam quando eu demonstrava interesse na leitura. Minha mãe, minhas irmãs e eu íamos com frequência a uma livraria do bairro, a ponto de ficarmos amigos das donas. Talvez fosse uma papelaria — agora não lembro exatamente —, mas o importante é que tinha muita coisa de que eu gostava: vários tipos de lápis, canetas, cadernos, livros e estojos. Lá, naquele ambiente familiar e aconchegante, eu me sentia em casa. Na época de comprar os materiais para um novo ano letivo, eu ficava um tempão escolhendo o caderno certo para cada matéria, tentando achar um equilíbrio entre os mais caros e os que estavam em conta. Chegava em casa e

organizava tudo, folheava — e até cheirava — os novos livros didáticos e ficava ansioso para começar a usá-los. E quase todas as vezes que passava na papelaria eu saía com um livro novo debaixo do braço. As lembranças daquele lugar me trazem um sentimento gostoso de nostalgia.

A lista de livros que marcaram a minha infância é curta e não sei se isso tem a ver com um hábito que não era tão regular ou com a falta de memória. O primeiro que me vem à mente é a coleção *Desventuras em série*, de Lemony Snicket, pseudônimo do norte-americano Daniel Handler. São treze livros que narram a triste — e repleta de desgraça — história de três irmãos órfãos, que precisam escapar de um vilão interessado na herança deles. Acho que o que me chamou a atenção naqueles livros em um primeiro momento foi o fato de os irmãos terem perdido os pais muito cedo: meu maior medo. Toda vez que meus pais saíam à noite, minhas irmãs e eu temíamos que eles não voltassem. Tinha receio de acordar e ver a cama deles intocada. A origem dessa imagem que martelava na minha cabeça está em um filme a que assisti dezenas de vezes na infância: *Convenção das Bruxas*. Nele, o personagem principal, filho único, perde os pais após um acidente de carro ocorrido na madrugada. Esse pavor talvez tenha me feito sentir compaixão por aqueles três irmãos e, ao mesmo tempo, interesse em entender como seriam capazes de sobreviver àquela tragédia.

Curiosamente, acho que também me identifiquei um pouco com aquelas crianças, talvez com o fato de que elas não eram comuns. Enquanto Violet tinha uma capacidade extraordinária de encontrar solução para qualquer

problema, Klaus era um leitor voraz, que não só conseguia ler mais rápido do que qualquer um, como também era dotado de uma memória fotográfica invejável. Por sua vez, Sunny, com seus pequenos dentinhos de bebê, tinha a capacidade de roer, picotar e partir qualquer material que fosse necessário.

Eu não tinha poderes, mas tinha gostos pouco comuns. Enquanto os meninos queriam bola para jogar futebol, o que nunca fui capaz de fazer minimamente bem, eu usava uma lupa para observar insetos. O futebol pode ser um grande trauma para qualquer garoto brasileiro que não curte muito o esporte. «Como assim você não gosta de jogar futebol? É brincadeira de menino, todos amam.» Não me ajudava em nada o fato de o meu pai ser um grande torcedor, que ainda fazia questão de me levar ao estádio. Eu ia para fazer companhia, mas torcia mesmo era para o jogo terminar logo.

Depois dos insetos, veio a fase das plantas carnívoras: meu pai me contou que criava plantas carnívoras quando criança, e eu achei incrível — parecia coisa de filme. Fiquei importunando meus pais até o dia em que minha mãe chegou com alguns pequenos vasos em casa. No fim, não achei que eram tão sobrenaturais ou assustadoras como na minha imaginação, mas ainda assim fiquei obcecado por elas durante um longo tempo. Algumas até se assemelhavam a pokémons, que eram um outro grande vício na minha infância.

Para minha felicidade, o segundo volume de *Desventuras em série* tinha plantas carnívoras e animais nunca vistos, e acabou virando meu favorito. Nessa fase, eu já estava mais ligado aos

livros. Eu me lembro de aguardar os novos volumes serem lançados no Brasil e reclamava da demora, sem ter ideia do trabalho que estava por trás da escrita, da tradução e da publicação de um livro.

Outra memória que tenho relacionada aos livros é muito peculiar e estimada por mim. Já alfabetizado, tinha um caderno azul-escuro, com o símbolo da escola, que passei a usar para criar pequenas histórias. Inspirado por um exercício que havia feito na aula, pedi para minha mãe escrever as primeiras palavras de uma possível narrativa, e a mim caberia a gostosa tarefa de completá-la. Eu era um aluno estudioso e dedicado, e ficava muito satisfeito em ver as folhas preenchidas com pequenas histórias.

Alguns anos depois, recebemos na escola a visita de um autor de livros infantojuvenis. Ele nos contou sobre o prazer de escrever uma história, de usar a imaginação para criar personagens e de se valer de diferentes narradores para se comunicar com o leitor. A imagem daquele escritor ficou na minha mente e voltei para casa disposto a escrever uma história do zero, usando apenas a minha imaginação.

A primeira ideia que tive foi de criar o diário de um personagem fictício. Gostei da possibilidade de escrever em primeira pessoa, sendo que o narrador seria alguém diferente de mim. Assim eu poderia usar a criatividade para ir além de quem eu era e das vivências que tinha. Decidi que escreveria sobre uma adolescente apaixonada por um garoto do colégio e comecei desenvolvendo um trecho em que a garota estava com dificuldades para dormir, pois não parava de pensar no colega. Hoje acredito que estava manifestando

parte da minha sexualidade de forma inconsciente por meio daquela escrita. Quando terminei a primeira página, mostrei para a minha mãe. Ela leu, achou muito legal a minha aventura como escritor mirim, mas questionou: «Não fica um pouco estranho escrever como se você fosse uma menina?» Respondi, um pouco sem jeito, que era uma personagem inventada e que autores faziam isso. Até aquele momento não tinha percebido nada de estranho na minha ideia, mas, depois que minha mãe fez a observação, entendi que não era algo que meninos da minha idade fariam.

Situações como essa se repetiram na minha infância. Um pouco mais tarde, por volta dos oito anos, criamos um pequeno caderno de respostas para falar sobre nossos interesses. Tinha de tudo: esportes, brincadeiras, brinquedos, viagens… Pedi ajuda à minha mãe para responder e, na hora da cor favorita, falei: «Roxo.» Minha mãe disse algo como: «Você tem certeza de que é roxo? Não me lembro de ter ouvido você falar dessa cor antes.» Decidi mudar para azul.

Desisti de dar continuidade ao diário daquela adolescente apaixonada. Comecei a pensar em novas ideias e acho que fui influenciado pela situação mundial da época, em que se falava muito sobre a invasão dos Estados Unidos ao Afeganistão. Por várias semanas trabalhei no texto que contava a história de uma família que vivia as tragédias de uma guerra e, com o máximo de criatividade de uma criança com menos de dez anos, escolhi o título «Uma família na guerra». Meus pais ficaram superorgulhosos, tanto que meu pai deu o texto para a minha avó paterna ler. Ela simplesmente amou e disse que precisaríamos publicar por alguma

editora. A sugestão entusiasmada do momento não foi para a frente, mas imprimi as páginas com uma capa bem amadora, com um título feito no WordArt e uma foto de uma pomba branca voando em um céu azul. Tenho essa cópia até hoje, mas só fui reler depois de quase vinte anos.

A fase «escritor» se confunde com a época em que passei a ler mais. Foram muitos anos entretido com os livros de *Desventuras em série* e com outros que não chegaram a me marcar tanto. Então veio *o livro* — ou melhor, um universo — que impactou toda uma geração e me acompanhou por toda a pré-adolescência.

Recebo muitos pedidos de ajuda de pais e outros responsáveis que lutam contra o uso excessivo de telas por parte das crianças e ficam frustrados diante da dificuldade que têm para despertar nelas o gosto pela leitura. Qual seria a melhor forma de incentivar esse hábito nos primeiros anos da vida? Eu não tenho filhos, mas posso compartilhar o que percebi a partir da minha própria trajetória, do meu papel como tio e das mensagens que recebo dos milhares de leitores que me acompanham. Posso dividir as dicas em três pontos principais: a relação dos pais com a leitura; como as crianças enxergam os livros; os ambientes literários no dia a dia dos pequenos.

Para começar, não adianta querer que a criança crie o gosto e o hábito da leitura, exigir que ela leia, se os pais e os responsáveis nunca estão com um livro na mão. Não basta ler histórias à noite, precisa ficar claro que a leitura é uma atividade que o adulto também gosta de fazer em seus momentos

livres. Isso gera interesse e curiosidade naquele futuro leitor. Crianças aprendem muito pelo exemplo daqueles que admiram. Meus sobrinhos ficam com vontade de ler só de me verem sempre com um livro na mão ou quando deparam com a estante lotada do quarto. O gosto pela leitura nasce dessa rotina do sono, da vontade da criança de ser igual a alguém que ela admira e do prazer de compartilhar um momento em que todos na casa estejam lendo cada um o seu próprio livro.

No entanto, se a leitura vira uma tarefa, algo imposto como punição ou castigo, a criança passa a enxergar aquele momento como algo solitário, a ser evitado. Ler se torna outra obrigação do seu dia a dia, como acordar cedo para ir à escola ou escovar os dentes. A leitura precisa ser uma atividade lúdica, relacionada ao prazer. Os pais e responsáveis podem propor atividades em que cada um leia um pouco do próprio livro juntos, para depois compartilharem o que leram com o outro, sem metas fixas e rígidas. Os livros também podem fazer parte da hora de brincar, com o estímulo para a criança desenhar ou encenar aquilo que acabou de ler. A criança se diverte enquanto lê. Esses são exemplos de atividades que vejo funcionarem.

A relação que a criança, e potencial leitora, tem com o mundo dos livros precisa ser estimulada. Frequentar bibliotecas e livrarias, deixar que a criança, sob supervisão, tenha autonomia para escolher suas leituras, conversar sobre autoras e autores importantes, mostrar os livros que o adulto está lendo, contar sobre memórias literárias, podem fortalecer a intimidade da criança com a leitura.

***

No final de junho de 1997, em Londres, a editora Bloomsbury não imaginava que a sua próxima publicação marcaria a literatura mundial e influenciaria gerações de jovens leitores. *Harry Potter e a pedra filosofal* apresentou um mundo de magia que serviria como um recanto imaginário para muitas crianças e adolescentes. Milhões de leitores no mundo todo foram — e continuam sendo — atraídos pelo universo criado naqueles livros. Nos últimos tempos, contudo, a autora tem se posicionado de forma transfóbica e decepcionou muito os fãs, já que o universo criado pelos seus livros era como um respiro para muitos jovens pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+ — ou seja, inclusive pessoas trans.

Esse é um assunto que rende muitas polêmicas: é possível separar os autores de suas obras? Ler, assistir, ouvir músicas de artistas que se posicionam de forma discriminatória equivale, de certa forma, a apoiar essas manifestações? A discussão é complexa e não deve se limitar a um cancelamento imediato. No entanto, no caso específico da escritora de *Harry Potter*, fica muito difícil separar a obra da autora. Não se trata aqui de debater obras escritas há muitas décadas ou até séculos e que foram publicadas em um contexto histórico distinto, em que o preconceito contido na narrativa possa ser um resultado de visões «aceitáveis» para a sociedade daquela época. Nesses casos, a leitura deve ser feita sem deixar de lado uma visão crítica sobre os problemas contidos na obra.

Já em relação à autora de *Harry Potter*, muito embora suas manifestações discriminatórias não estejam expressas em

seus livros, seu posicionamento não pode ser tolerado, e pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ devem ser respeitadas. É fundamental entender que, nessas situações, opinião não se confunde com discriminação.

Não posso, contudo, ignorar a importância dessa série enquanto viajo pelas minhas memórias literárias. Abordarei a sua presença na minha formação como leitor, mas é importante deixar claro que isso não exclui os problemas envolvendo a autora e a minha reprovação quanto aos seus posicionamentos.

Nunca vou me esquecer da primeira vez que escutei o nome «Harry Potter». Eu tinha oito anos de idade e na escola era o dia em que deveríamos levar notícias recortadas de jornais para contar aos colegas. Uma amiga foi uma das escolhidas para compartilhar sua história, que era sobre a esperada publicação de um livro no Brasil, após três anos de sua publicação original. Quando ela leu o título da obra, senti algo estranho. Eu nunca havia escutado aquele nome antes. Como só fui ter aulas de inglês mais tarde, o próprio nome pronunciado por ela soou difícil de compreender. «Harry Potter»: o que significava isso? Ao terminar de ler a notícia, ela pegou uma tachinha e pendurou o recorte no mural azul de feltro que ficava na lateral da sala.

Só voltaria a escutar aquele nome mais de um ano depois, quando, em 2001, foi lançada a adaptação cinematográfica do primeiro livro. Fui assistir ao filme certo dia, logo após o horário da escola, com alguns amigos de infância. Não sabia nada sobre aquele universo, e fui para o cinema sem

expectativa alguma. Saí encantado, com o desejo de me transportar para aquele mundo mágico. (Muitos anos depois, eu moraria na esquina oposta à loja oficial de Harry Potter em Nova York, que tinha diariamente uma longa fila com centenas de fãs de todas as idades.)

Depois do impacto que o filme teve na minha vida, fui atrás dos livros. Logo na leitura do primeiro volume da série, percebi como os filmes eram limitados no que diz respeito à transposição da riqueza de um livro para as telas. Fiquei impressionado com a quantidade de detalhes que foi ignorada na adaptação para o cinema. Será que os fãs sabiam que deixar de ler o livro significava perder grande parte daquele mundo mágico?

O fim da minha infância foi todo marcado pelas aventuras daquele bruxinho famoso. E se o protagonista daquela história vivia as dificuldades de se encaixar em um mundo até então desconhecido por ele, por minha vez, eu estava cada vez mais fora do padrão do que a sociedade esperava de um menino da minha idade.